ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

KAREN RIBEIRO DOS SANTOS GOULART

RESUMO

Deve-se considerar a excelência na educação ao abandonar preconceitos e valorizações utilitaristas que historicamente privilegiaram sujeitos de capacidade acadêmica em detrimento dos criativos. Valorizar cada indivíduo por sua contribuição para o pleno desenvolvimento da pessoa é essencial para garantir que todos alcancem a plenitude de suas capacidades. O objetivo fundamental da educação é assegurar que os indivíduos atinjam todo o seu potencial, o que só é possível ao utilizar instrumentos que ajudem a otimizar suas habilidades. Na sociedade do milênio, a educação está centrada na aprendizagem ao longo da vida, visando construir uma sociedade do conhecimento. Essa abordagem busca formar uma sociedade de aprendizagem na qual as pessoas adquirem habilidades para se expressar, se relacionar, resolver conflitos, obter conhecimento do ambiente físico, social e cultural, interagir com ele, e ter autonomia e iniciativa. A promoção dessas competências ao longo da vida torna os indivíduos mais aptos a aprender continuamente e a realizar seus projetos de vida. Os avanços que beneficiaram a humanidade historicamente foram impulsionados por indivíduos capazes de enxergar além do convencional, levantar novas questões e resolver problemas de maneiras inovadoras. Essas pessoas operam em sistemas abertos, que permitem múltiplas respostas, em contraste com a sociedade contemporânea, muitas vezes presa em sistemas fechados que buscam respostas únicas para problemas complexos. Portanto, é crucial direcionar a educação para o futuro, desenvolvendo um modelo educacional que capacite os indivíduos a romper com essa dicotomia entre sistemas fechados e abertos, cultivando habilidades criativas, capacidade de pensamento crítico e resolução de problemas inovadora, essenciais para enfrentar os desafios do mundo atual e futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem; Educação; Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que o porvir é imprevisível e sujeito a transformações cada vez mais rápidas e profundas, destaca-se a carência de conhecimento existente atualmente acerca do tipo de sabedoria que se mostrará proveitosa no futuro, o que será pertinente para os estudantes de hoje e, por conseguinte, o que lhes deveria ser ensinado.

Existe a concepção compartilhada de que uma educação mais abrangente facilitará a resolução dos desafios enfrentados por uma sociedade em constante evolução. Também se argumenta que o modelo educacional baseado na informação, na absorção de conteúdos e na aquisição de competências e padrões de comportamento – que tem sido arrastado desde o Iluminismo – não se mostra eficaz neste momento. Logo, é imperativo implementar um sistema educacional que não se restrinja apenas ao conhecimento intelectual, mas que leve em conta elementos emocionais e sociais, tecnológicos, artísticos..., pois a educação do século XXI deve ser holística.

Nessa mesma linha, são delineadas as orientações pedagógicas para a educação do novo milênio, as quais devem despertar nos políticos, especialistas e profissionais da educação o interesse por um ensino criativo no qual a criatividade e os agentes criativos permitam aos alunos explorar, buscar diversas soluções, aprender a operar em sistemas abertos e desenvolver novas habilidades para se adaptar à complexa sociedade global.

Alguns experimentos realizados no terço final do século XX destacaram que pessoas com habilidades criativas têm iniciativa, confiança, recursos e podem enfrentar problemas de qualquer tipo. Se essas habilidades forem usadas, os esforços de aprendizagem também podem ser salvos.

A ARTE OFERECE RESPOSTAS

Uma característica singular da humanidade

que a distingue das demais espécies é sua habilidade de criar arte e empregá-la como meio de expressão e comunicação. Para Dewey (2008), a arte é uma experiência intrinsecamente valiosa que evoca emoções elevadas. Lowenfeld (1980) a considera a forma mais eminente de expressão humana e um veículo para as crianças alcançarem desenvolvimento mental e criativo. Bruner (1984) a descreve como uma aptidão essencial, identificando três traços exclusivamente humanos que demandam atenção especial para preservar a qualidade humana da sociedade: a habilidade de identificar problemas, a capacidade de executar serviços desejados e a arte em todas as suas formas. Eisner (1987) percebe a arte como uma necessidade fundamental que motiva os seres humanos a receber e transmitir informações por meio de todos os sistemas sensoriais. Thoreau (citado em Read, 1957) associa isso à necessidade de ação: "o que chamamos de arte e tratamos como um ornamento da civilização é realmente uma atividade vital, uma energia dos sentidos" (p. 215). Embora essas visões sejam diversas, convergem na valorização da arte como uma atividade que, de alguma forma, enriquece o ser humano.

Ao abordar a arte como uma "atividade enriquecedora", sua importância educacional também é destacada. Martínez (2005) ressalta que a função e as expectativas da arte diferem daquelas de outros sistemas de representação, sendo um agente ativo na formação da pessoa. Ela enfatiza a importância de introduzir as crianças às atividades artísticas desde cedo, visto que ao se envolverem com diversas disciplinas criativas, elas desenvolvem seus próprios conceitos e alcançam especialização cognitiva em formatos além da linguagem verbal. Eisner (1987) compartilha argumentos semelhantes ao defender a necessidade de reformular o currículo para dar maior ênfase à educação artística, a fim de que os alunos adquiram habilidades nas formas de representação dos diversos meios expressivos. Ele acredita que essa abordagem possibilitará a alfabetização dos alunos em diversas linguagens artísticas.

Arnheim (1989) argumenta que a educação artística aguça as ferramentas do pensamento e contribui para a estruturação do conhecimento. Romero (2001) faz uma análise do campo artístico em comparação com áreas mais tradicionalmente valorizadas na educação, apontando que os elementos que a distinguem são suas virtudes, tais como:

Os benefícios de orientar o ensino e a aprendizagem por meio das linguagens artísticas desde os primeiros anos são vastos e fundamentais para o desenvolvimento integral dos alunos. Essa abordagem permite:

- Desenvolver habilidades manuais e cognitivas;
- Atender ao conteúdo expressivo e afetivo, além do conteúdo intelectual;
- Facilitar a análise e compreensão da cultura e do mundo contemporâneo por meio de produções culturais;
- Buscar múltiplas respostas e soluções para problemas;
- Avaliar tanto o processo quanto o resultado da criação artística;
- Promover uma "outra forma de pensar cujas ferramentas são analogia, metáfora, associação, proximidade", para além do pensamento lógico e linear (Martínez, 2005, p. 213).

A linguagem, seja verbal ou artística, é uma característica distintiva da espécie humana que permite a comunicação e expressão. As diferentes linguagens, incluindo a matemática e a arte, utilizam códigos variados e pertencem ao domínio da abstração, uma forma de pensamento sofisticada inerente à humanidade. A abstração dá origem ao simbolismo, à expressão e à comunicação, sendo a raiz da criatividade.

Valorizar essas características únicas da linguagem e da abstração justifica orientar a educação por meio das linguagens, especialmente as artísticas, desde os primeiros anos de vida. Essa abordagem proporciona aos alunos a oportunidade de adquirir habilidades expressivas e comunicativas, juntamente com habilidades cognitivas, por meio do conhecimento e uso dos códigos e elementos de diferentes linguagens. Martínez (2005) argumenta que essa prática é crucial para o desenvolvimento integral e para capacitar os alunos a explorar seu potencial criativo e comunicativo de maneira holística.

A RELAÇÃO ENTRE CRIATIVIDADE E ARTE E PSICOLOGIA

Na palestra Criatividade (1950) que Guilford deu à American Psychological Association, ele afirmou que a criatividade é a essência da educação, considerada em seu sentido mais amplo, e a solução dos problemas mais sérios da raça humana. Uma interpretação de seu comentário nos permite entender que o que a criatividade e os assuntos criativos podem oferecer é essencial para a sociedade.

A criação e os assuntos artísticos foram considerados ao longo do tempo de maneiras muito diferentes. A tradição psicológica limitou a arte ao mundo da percepção, fantasia e sentimentos em oposição à ciência, e excluiu o conhecimento e os processos intelectuais do campo artístico. A industrialização causou uma hierarquia de disciplinas educacionais, colocando a capacidade acadêmica no topo e as disciplinas criativas em último lugar. Dessa forma, o valor educacional de disciplinas que, além de um valor de pesquisa, tinham um sentido lúdico e eram muito gratificantes para as crianças depreciou. No entanto, já no século XVIII, Pestalozzi e Froebel trouxeram disciplinas artísticas para a escola e as incluíram em suas abordagens educacionais, porque entenderam a grande importância do brincar e da arte no desenvolvimento infantil.

Mesmo assim, o interesse real pela criatividade foi gerado a partir da palestra de Guilford (1950) citada acima. Nasceu do mundo da psicologia, não da arte, à qual sempre pertenceu, e seu desenvolvimento foi decisivo para essa ciência. A partir do interesse despertado pela arte e pela criatividade no campo da psicologia, surgiu um movimento que produziu múltiplas teorias, linhas de pesquisa e publicações que destacaram novos conceitos e permitiram que o estudo da criatividade fosse abordado de diferentes ângulos. Na década de 1960, a arte adquiriu a categoria de disciplina e passou a ser valorizada em diversos campos, incluindo a educação.

Vygotsky, em Psicologia da Arte (1970), deu um grande passo à frente ao colocar o conhecimento artístico e científico no mesmo plano e sustentar que há uma semelhança entre as grandes verdades científicas e as imagens artísticas. Talvez seja por isso que o autor vincula a arte à sabedoria, ou seja, ele a entende como conhecimento nos moldes da antiguidade clássica e a considera um meio educacional porque permite "uma certa modificação duradoura de nosso comportamento" (p. 9). Vygotsky, que rejeitou o conceito de arte como expressão de emoções e transmissão de sentimentos, afirmou que a obra artística contém uma obra com sentimentos, porque a arte trabalha com eles, e tanto as paixões quanto as emoções e sentimentos fazem parte do conteúdo da obra artística.

Arnheim (1989) também apontou a importância da arte na estrutura do conhecimento e assegurou que "as artes plásticas adequadamente concebidas podem apresentar problemas cognitivos dignos de um bom cérebro com a precisão de qualquer problema matemático ou científico" (p. 153). Ele afirmou que, por meio das experiências perceptivas proporcionadas pelas artes plásticas, pode-se alcançar o conhecimento das relações espaciais.

Na relação entre problemas e arte, alguns autores identificam processos criativos com atividades de resolução de problemas, pois em todas as experiências artísticas são levantados problemas que precisam ser resolvidos.

A gestão da aprendizagem de técnicas de resolução de problemas através de disciplinas artísticas deve ser feita com problemas reais, com questões em aberto e a possibilidade de múltiplas soluções. Os problemas colocados pelas técnicas plásticas, gráficas e verbais são de especial valor, especialmente os gráficos devido aos seus múltiplos significados.

Os processos criativos são complexos, ligados ao pensamento visual ou auditivo, possuem aspectos socioemocionais e utilizam habilidades cognitivas, como comparações, associações e relacionamentos. Eles precisam confiar em conhecimentos teóricos e habilidades técnicas, bem como encontrar um contexto social apropriado. Eles usam, em parte, materiais abstratos – como imagens, fantasias ou sonhos – e aplicam es-

tratégias de resolução de problemas. Indivíduos imersos em processos criativos são perseverantes em seu trabalho, admitem erros e aprendem a valorizar seus trabalhos, o que cria mecanismos de perseverança, tolerância e força contra a frustração. Estas são as razões pelas quais os processos criativos são tão complexos e ao mesmo tempo tão enriquecedores.

RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

A capacidade de adaptação é outra característica humana que depende da capacidade de cada pessoa de resolver os problemas que surgem em sua vida e do uso que pode fazer das habilidades que adquire com a abordagem e resolução dos mesmos. Essa qualidade permitiu que a espécie sobrevivesse desde seu surgimento, até as culturas ao longo da história, e é o que torna mais fácil para as pessoas hoje permanecerem em uma sociedade e em um local de trabalho etc.

De acordo com Guilford (1978), aprender a resolver problemas com imagens plásticas fornece ferramentas extremamente válidas para fazê-lo por meio de qualquer outra linguagem, como a matemática. A atividade de resolução aciona mecanismos mentais específicos e opera sempre com o mesmo tipo de pensamento, o que gera recursos para resolvê-los em qualquer campo em que surjam. Esta atividade, portanto, proporciona competências que, aliadas aos conhecimentos aprendidos, facilitam a aquisição de competências e habilidades sociais e adaptativas para os alunos. Essas são vantagens suficientes para incentivar os professores a fornecer às crianças desde cedo tarefas com as quais elas possam adquirir esse tipo de habilidade. Com base no que disse Guilford (1978), se adaptarmos as técnicas com cuidado, os procedimentos podem ser adaptados às características de cada idade e começar a treinar as crianças na resolução de problemas desde cedo. No entanto, é fundamental utilizar um material atrativo e de fácil utilização, requisitos que as artes plásticas cumprem, cuja linguagem faz parte da expressão natural das crianças desde os primeiros anos.

Existe uma opinião bastante difundida que relaciona a capacidade de resolver problemas de forma inovadora com o comportamento criativo, pois inovar implica passar por um processo em que é preciso resolver problemas até encontrar a solução desejada. A estreita relação entre criatividade e produção divergente, de acordo com Guilford (1978), torna os indivíduos criativos especialmente talentosos para resolver problemas com múltiplas soluções. Sieber (1978) também garante que pessoas criativas podem encontrar várias soluções para os problemas e, por estarem dispostas a admitir a insegurança (porque toleram um certo nível de incerteza), podem buscar e pesar informações, o que lhes dá mais possibilidades de tomar decisões corretas. Embora a arte e a criatividade nem sempre tenham sido apreciadas positivamente, as opiniões expressas até agora apoiam a apreciação atual das técnicas criativas, incluindo a resolução de problemas.

DISCIPLINAS ARTÍSTICAS E ARTE NA EDUCAÇÃO

Foi dito anteriormente que o uso de várias linguagens criativas aguça a sensibilidade perceptiva e ativa habilidades cognitivas e sociais, apenas para citar alguns benefícios; e que as atividades artísticas aplicadas à resolução de problemas desenvolvem habilidades nesse campo e tornam os indivíduos mais competentes. Como os temas artísticos também são atraentes e gratificantes, revelam-se uma ferramenta extraordinária para adquirir múltiplas competências desde tenra idade.

Efland (2003) acredita que as obras criativas testam opções para o futuro, facilitam a mudança cultural e até mesmo a sobrevivência da cultura. O autor entende que a educação tem o duplo objetivo de transmitir o legado cultural das gerações passadas e de renová-lo: com isso, as novas gerações estão preparadas para manter e aumentar o progresso atual. A conservação e a transformação são extremos da educação, e uma vez que visa inserir os sujeitos de forma efetiva em seu meio social e capacitá-los a enfrentar com sucesso o mundo que os espera, a melhor técnica deve ser utilizada para isso. Portanto, "a preparação em fórmulas e receitas

familiares será menos eficaz do que educar a flexibilidade em novas situações, respondendo com agilidade aos imprevistos e alcançando valores renovados", como indica Marín (1980, pp. 8-9).

Aproximar as crianças da arte também é essencial para que elas possam compreender a realidade social com suas manifestações culturais e artísticas e aprender a valorizar o patrimônio cultural. Isso porque a arte é um conector, um transmissor/receptor de dados que nos aproxima da sociedade em que é criada por meio dos elementos de sua cultura e nos fornece conhecimento e informações confiáveis sobre ela. O património cultural encarnado pela arte é o signo identitário de diferentes culturas e identifica cada ser humano com a sua. Gardner (1987) atribui um importante valor social à educação das pessoas para conhecer, admirar, criar e recriar arte, e afirma que iniciar as crianças na arte não é tentar formar artistas, mas pessoas socialmente competentes e artisticamente cultas, algumas das quais serão críticas, outras consumidoras e outras mais artistas. porque terão adquirido novas competências sociais, cívicas e culturais.

O estudo da arte infantil e sua estética têm interessado especialistas. Aldecoa (2005) explica que o interesse por essa arte partiu de um grupo de artistas plásticos modernos que se opunham ao cânone acadêmico; eram pintores e escultores que pertenciam ao grupo revolucionário Secessão, liderado por Franz Cizek. Em 1885, Cizek criou em Hamburgo uma "Associação de professores para trabalhar em prol da educação artística" (Aldecoa, 2005). Este artista acreditava que as crianças fazem arte livre e autêntica, como o homem primitivo, e foi o primeiro a apreciar o valor estético das obras plásticas infantis. A escritora e pedagoga Josefina Aldecoa desenvolveu sua tese de doutorado, A Arte da Criança, depois de ver a exposição de desenhos infantis de Cizek. Segundo ela, descobriu o valor da arte infantil, no entanto, questiona os métodos tradicionais que têm sido usados para promover a atividade gráfica infantil.

Aldecoa (2005) afirma que a arte do século XX possibilitou valorizar as criações artísticas infantis por sua semelhança com a arte da vanguarda: "Tudo o que o cubismo buscava por meio da lógica, as crianças encontram naturalmente por meio do instinto" (p. 47); E ele aponta que o abandono da perspectiva para adotar a geometria pertence à especulação lógica e a um refinamento cerebral muito complexo que é natural nas crianças. Ele justifica isso com as palavras de Cizek: "Cada criança tem uma lei dentro de si e deve ser permitido desenvolvê-la de acordo com sua própria técnica" (citado em Aldecoa, 2005, p. 47).

VALORES DA ARTE E DA CRIATIVIDADE

Hoje em dia, as produções artísticas infantis são especialmente apreciadas, pois colaboram no equilíbrio pessoal e servem como canal para expressar emoções e sentimentos. A arte, por sua vez, é apreciada como um recurso educacional, pois, como diz Arnheim (1989), "o desenho, a pintura e a escultura podem apresentar problemas tão rigorosos quanto a matemática ou a ciência, e . . . Com pouco conhecimento técnico, os alunos podem desenvolver seus próprios recursos mentais" (p. 154). O autor assegura que a arte-educação promove o desenvolvimento das linguagens em que a arte se expressa e produz enriquecimento cognitivo. Na mesma linha, Efland (2003) afirma que é necessário recorrer às artes para que o potencial cognitivo aumente com a educação.

Outra valorização da arte é considerá-la como um instrumento para o desenvolvimento do "eu", pois permite que os sujeitos adquiram conhecimento de si mesmos, autoestima, segurança, mecanismos contra a frustração, perseverança no trabalho e critérios para avaliar o próprio trabalho e o dos outros. Martínez (2005), que entende o "eu" no sentido construtivista como resultado da ação e da simbolização, afirma que "na realização de suas experiências artísticas, a criança constrói seu sistema ao mesmo tempo que seu 'eu'" (p. 85).

Sieber (1978) afirma que é de extrema importância treinar as crianças na criatividade, para que tenham uma mente mais aberta. Ele diz que eles devem aprender métodos de incerteza, estimar as probabilidades de sucesso, gerar hipóteses sobre soluções,

procurar as informações disponíveis e decidir como isso afeta suas hipóteses. O autor afirma que eles devem aprender a endossar a certeza geral com evidências, pois assim poderão ter pontos de vista alternativos e critérios próprios, mesmo quando estes entrarem em conflito com as crenças mais profundamente enraizadas.

Marín Ibáñez (1993), no discurso inaugural do Congresso Mundial de Criatividade, após explicar o risco envolvido em substituir valores mais altos por outros menos valiosos, afirma que "criar é superar antivalores e semear valores em nós e ao nosso redor" (p. 18). Insiste, portanto, na necessidade de buscar soluções para o futuro e formar uma geração de pessoas criativas, comprometidas com a defesa de valores relacionados à natureza, ao ser humano, ao respeito à dignidade e às liberdades fundamentais. O autor garante que "a criatividade... hoje tornou-se um imperativo ético" (p. 19).

Novaes (1973) enfoca o valor da criatividade em sua universalidade: "a criatividade não tem apenas uma dimensão sociocultural, mas também um significado universal, razão pela qual aumenta o uso do potencial humano e a renovação de seus recursos, bem como a própria aceleração cultural e tecnológica" (p. 88). Esse sentido universal tornou possível usar a criatividade em todas as áreas da vida e tirá-la de seus círculos tradicionais para aplicá-la no mundo da psicologia médica, indústria, governos, gastronomia, educação... Essa extensão se deve basicamente ao valor agregado representado pela produtividade que gera, mas também à riqueza humanística que oferece às sociedades. Assim, a criatividade que havia sido contemplada como um atributo individual passou a ser considerada um bem social.

A necessidade de aprender a ser criativo tem sido destacada, pois entende-se que tudo relacionado à arte e à criatividade traz riqueza para a sociedade e proporciona soluções. Torrance (1977) esclarece esse significado justamente dizendo que a criatividade surge na sociedade quando o mundo é desumanizado e interessado em tecnicismo; Ele busca, então, uma saída recorrendo ao potencial criativo do homem para manipulá-lo.

A CRIATIVIDADE É "LUCRATIVA"

Agora é totalmente aceito que a criatividade pode ser desenvolvida com técnicas relevantes e educação sistemática. O trabalho relacionado às técnicas para desenvolvê-lo recebeu um forte impulso do mundo econômico e empresarial após a descoberta da lucratividade e eficácia que os métodos criativos e os indivíduos trazem para as empresas e a economia em geral.

Ao relacionar a rentabilidade aos materiais criativos, deve-se levar em consideração que as artes se desenvolvem exclusivamente em sistemas simbólicos. Isso indica que, se as crianças acessarem o conhecimento e o uso das linguagens artísticas desde cedo, elas naturalmente adquirirão os recursos necessários para otimizar suas habilidades de expressão e comunicação, não apenas nessas línguas, mas em qualquer outra linguagem simbólica, como a matemática.

Embora rentabilidade e eficiência sejam conceitos que pertencem ao mundo da economia e a economia sempre tenha intenções alheias à educação, podemos tomá-los emprestados para descrever as vantagens de educar para a criatividade: gerenciar múltiplas respostas para funcionar na vida e adquirir agilidade mental para fazê-lo em diferentes campos, inovando, resolvendo problemas e satisfazendo necessidades e aspirações. A educação para a criatividade é, portanto, econômica e eficaz.

Torrance (1978), já no último quarto do século XX, revisou a criatividade na educação e apontou que "estamos continuamente retornando ao antigo sistema" (p. 102). O autor censurou que isso foi feito apesar do fato de que métodos, procedimentos e materiais experimentais demonstraram ser educacionalmente superiores, e que os alunos treinados com métodos progressivos superaram aqueles que foram educados com métodos diretivos, mesmo em testes de um tipo antigo. No entanto, Torrance reflete otimismo quando diz que "a curiosidade e as necessidades criativas são fortes e universais o suficiente para tornar as abordagens criativas de aprendizagem úteis para todos" (pp. 102,110).

Gardner (1987) propõe que as crianças tra-

balhem com mídias artísticas desde cedo, pois a transição entre as diferentes mídias expressivas ocorre pela primeira vez, e às vezes apenas uma vez, naturalmente e com grande facilidade quando são jovens. Essa conversão se deve ao fato de que a criança pequena manipula as línguas como instrumentos de expressão e compreensão para entender o mundo. Daí sua grande facilidade em passar de um idioma para outro e usar aquele de que precisam ou estão mais interessados em um determinado momento. Essa peculiaridade é uma vantagem a favor de trabalhar com diferentes linguagens artísticas desde os primeiros anos escolares, pois os alunos poderão adquirir habilidades para manuseá-las com relativa facilidade.

Explicitou-se a necessidade de apostar em uma educação diferente, uma educação que ofereça aos indivíduos oportunidades de desenvolver sua singularidade e sua consciência social ao mesmo tempo e que integre aspectos cognitivos e afetivo-emocionais; porque a aspiração do nosso tempo é estabelecer uma educação marcada pela liberdade, igualdade e direitos das pessoas, que estimule os valores sociais e pessoais, o interesse pela investigação, a autoconfiança, o talento criativo..., que abandone a rigidez fiscal e concentre o ensino e a aprendizagem em sistemas abertos, flexível, com métodos e técnicas criativas que incluem assuntos artísticos.

As atividades artísticas são, juntamente com as brincadeiras, as que melhor se adaptam às características dos alunos na fase infantil. As crianças pequenas aprendem, brincando com o corpo e os materiais, a resolver problemas de composição e estruturação de imagens plásticas; das relações entre espaço, visão, movimento e controle motor ou da troca entre línguas. São atividades que facilitam a aquisição das habilidades necessárias para funcionar em seu ambiente social e natural, onde precisam aprender a aprender, para depois aprenderem a ser.

Portanto, é essencial formar pessoas competentes e dotá-las desde os primeiros anos escolares das ferramentas que as ajudem a contrabalançar as enormes contradições que o mundo em que vivemos sofre. Um mundo que mantém grandes diferenças sociais e econômicas, que convive com uma sociedade aberta ao conhecimento e à informação é, obviamente, um mundo em crise, necessitado de soluções e respostas lúcidas para sobreviver. Parece que as capacidades criativas podem nos fornecer essas respostas, e somos obrigados a ativá-las e deixar de ser espectadores passivos. Só assim seremos capazes de contrabalançar o planejamento do mundo que está sendo feito a partir de centros de poder desconhecidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na educação infantil, a criatividade e as artes desempenham um papel fundamental no desenvolvimento integral das crianças. Estimular a expressão artística desde cedo não só promove o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, mas também fortalece a autoestima e a confiança dos pequenos aprendizes.

A criatividade, inerente às crianças, é uma habilidade que deve ser cultivada e encorajada. Através das artes, as crianças têm a oportunidade de explorar e expressar livremente suas ideias, emoções e percepções do mundo ao seu redor. Pintura, música, dança, teatro e outras formas de expressão artística proporcionam um espaço seguro e estimulante para que as crianças desenvolvam sua imaginação e habilidades motoras.

Além disso, as artes na educação infantil contribuem para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais essenciais. Através da colaboração em projetos artísticos, as crianças aprendem a trabalhar em equipe, a compartilhar ideias e a respeitar a diversidade de pensamentos e sentimentos. A expressão artística também pode ser uma forma poderosa de comunicação não verbal, permitindo que as crianças se expressem de maneiras que podem ser difíceis de articular verbalmente.

Ao integrar as artes no currículo da educação infantil, os educadores oferecem às crianças a oportunidade de explorar diferentes formas de expressão, descobrir novas habilidades e desenvolver sua criatividade. Através de atividades artísticas, as crianças são incentivadas a experimentar, errar, aprender com os desafios e descobrir o prazer de criar algo único e pessoal.

Portanto, a criatividade e as artes na educação infantil não apenas enriquecem a experiência de aprendizagem das crianças, mas também as preparam para se tornarem indivíduos criativos, críticos e resilientes no futuro. Ao valorizar e incentivar a expressão artística desde cedo, estamos investindo no desenvolvimento integral e no bem-estar das gerações futuras.

REFERÊNCIAS

ALDECOA, J. (2005). Arte e educação. Em Arte Infantil e Cultura Visual (pp. 43-48). Madrid, ES: Editorial Eneida.

ARNHEIM, R. (1989). Novos ensaios sobre a psicologia da arte. Madrid, ES: Alianza Editorial.

BRUNER, J. (1984). Ação, pensamento e linguagem. Madrid, ES: Alianza Editorial.

DEWEY, J. (2008). Arte como experiência. Barcelona, ES: Ediciones Paidós.

EFLAND, A. (2003). Educação em arte pós-moderna. Barcelona, ES: Ediciones Paidós IBÉRICA.

EISNER, E. W. (1987). Processos cognitivos e currículo. Barcelona, ES: Ediciones Martínez Roca.

GARDNER, H. (1987). Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas. Madrid, ES: Editorial Fondo de Cultura Económica.

GUILFORD, J. P. et al. (1978). Criatividade e educação. Buenos Aires, AR: Ediciones Paidós.

LOWENFELD, V. (1973). A criança e sua arte. Buenos Aires, AR: Editorial Kapelusz.

MARÍN IBÁÑEZ, R. (1984). Criatividade. Barcelona, ES: Ediciones CEAC. [Links]

MARTÍNEZ GARCÍA, M. L. (2005). Arte infantil e cultura visual. Madrid, ES: Editorial Eneida.

NOVAES, M. H. (1993). Criatividade e aprendizagem, desenvolvimento do pensamento criativo. Resumos do Congresso Mundial "Criatividade 93". Madrid, ES: UNED, Faculdade de Educação.

PRIETO, M. D. (2003). Criatividade no contexto escolar. Madrid, ES: Editorial Pirámide.

ROMERO RODRÍGUEZ, J. (2001). O futuro na arte-educação: uma mudança teórica. Em A. Fosati e R. Huerta (Eds.), Comunicações do Congresso "Os valores da arte no ensino" (pp. 213-216). Valencia, ES: Editorial Repro Expres.

TORRANCE, E. P. (1977). Educação e capacidade criativa. Madrid, ES: Ediciones Encuentro, Colección Marova.

DELORS, J. (1998). A educação guarda um tesouro. Relatório à Unesco da Comissão Internacional de Educação para o Século XXI. Paris, FR: Publicação da Unesco.

UNESCO (2000). Quadro de ação para a educação em valores na primeira infância. Paris, FR: Oficinas da Unesco.

VYGOTSKY, L. S. (1970). Psicologia da arte. Barcelona, ES: Barral Editores.

VYGOTSKY, L. S. (1979). O desenvolvimento de funções psíquicas superiores. Barcelona, ES: Editorial Crítica.